

Livros que seu aluno pode ler

Língua Portuguesa

Uma conversa sobre aula de Português¹

PROFA. DRA. LUCIENE JULIANO SIMÕES²

¹ Este capítulo foi finalizado por meio da edição da transcrição, realizada por bolsistas do Programa de Educação Tutorial, de palestra proferida por mim, em uma mesa-redonda. Agradeço ao grupo PET do curso de Letras da UFRGS, em especial, aos bolsistas que trabalharam diretamente na organização do projeto de extensão *Livros que seu aluno pode ler* e, posteriormente, na organização deste volume. Além disso, chamo a atenção do leitor para os sentidos que tem aqui a palavra *conversa* para mim. A referida mesa-redonda teve lugar, há alguns anos já, numa sala para eventos culturais em um café em Porto Alegre, chamado *Pinacoteca*. Assim, a atmosfera desta fala era muito informal e calorosa na ocasião. Tive como audiência um grupo numeroso de professores e professores em formação, alguns dos quais eu conhecia bem. Além disso, a mesa contou com uma fala do colega Dr. Antônio Sanseverino, docente e pesquisador da UFRGS no campo da Literatura. Estávamos, enfim, entre amigos em um bar... Meu esforço, então, foi o de, na edição, preservar tanto quanto possível (e, por vezes, é impossível) o tom de uma conversa. Talvez mesmo essa tentativa provoque algumas dificuldades de compreensão – mas isso, ou seja, as relações entre fala e escrita, já será algo em que pensar numa conversa sobre aula de Português!

² Professora titular no Instituto de Letras da UFRGS. Atualmente, coordena a Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da universidade, além de atuar como docente da Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Linguística Aplicada.

Meu nome é Luciene Simões; sou professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, do Instituto de Letras da UFRGS, e atuo principalmente no estágio de docência de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Também acompanho professores de português, já graduados, em sua contínua formação, além de ter atuação na pós-graduação, na tutoria do Programa de Educação Tutorial (PET), entre outras atividades. Todas oportunizam convivência constante com comunidades escolares, públicas e não públicas, além de exigirem que eu mantenha diálogos produtivos com colegas de outros campos, também eles ligados à educação escolar. Digamos, então, que minha responsabilidade é a questão dos estágios: a formação do professor já com atuação na escola, usualmente vinculada, em nossa história, às faculdades de educação, que aqui se dá no contexto de um curso de Letras.

No que diz respeito à temática desta mesa-redonda – *Livros que seu aluno pode ler* –, o que vou defender sobre o ensino de Português? Meus postulados são os seguintes: a aula de Português é um bom lugar para se ler; a aula de Português é um bom lugar para se ler sobre português; a aula de Português é um bom lugar para se ler sobre língua e sobre linguagem. Sendo assim, a aula de Português é um bom lugar para se ler sobre o ser humano, porque é um bom lugar para se ler sobre a relação entre a língua e a vida. E aí eu penso e me dou conta: mas na aula de Português quase não se lê sobre português! Não é incrível? O primeiro postulado que arrolei acima – a aula de Português é um lugar bom para se ler – já está mais ou menos disseminado, e só este tem sido mobilizado como efetivo trabalho escolar. Na escola, no tempo dedicado à nossa, como se diz, “matéria”, são lidos gêneros variados, especialmente os da esfera jornalística e os da Literatura, o que é importantíssimo, e não estou dizendo que se deva parar de fazer isso. Mas quero chamar atenção para a advertência que segue: quando o assunto é a língua e o conceito de linguagem, não se lê.

Então, reforçando: foi muito importante para nossa disciplina escolar se libertar das amarras de ser uma disciplina só de gramática e permitir a entrada desses textos de gêneros variados, textos da mídia, e também recelebrar o casamento com a Literatura. Nos poucos casos em que isso de fato aconteceu, foi ainda mais importante dedicar boa parte do tempo à produção de textos pelos estudantes. Quem me conhece sabe que eu

acho essas relações indispensáveis – não me é possível conceber aula de Português sem escrita e sem vínculo com nosso legado literário. Só que se nós, como um grupo de especialistas que se reconhece historicamente como tal, não formos construir o que podemos chamar aqui de uma cultura reflexiva sobre língua na aula de Português, não sei onde vai ser, porque a imensa maioria das pessoas não vai estudar línguas depois de sair do colégio, a não ser que pretendam ir para uma universidade e cursar Letras. E toda esta minha fala parte dessa consternação; parte também da minha disposição em apostar, por várias convivências que eu tenho tido em sala de aula, que isso é apenas um tabu e que é perfeitamente viável propor projetos de sala de aula nos quais textos sobre a língua vão entrar muito bem, vão cair bem.

E mais: nós – os professores de Português – nos debatemos muito com a questão da gramática. Uma das razões é a nossa paixão por entender o funcionamento da língua; nós sabemos que a gramática é um instrumento para isso, não queremos nos desapegar e não nos damos conta de que, assim como nas demais disciplinas, se o debate da teoria, no nosso caso de uma teoria gramatical, não estiver num contexto, ele não vai ser revestido de sentidos interessantes. Eu quero dizer que há uma diferença enorme entre aprender de uma maneira imanente, decorada, por exemplo, a noção de hélice do DNA, e ler, por exemplo, uma boa reportagem da *Scientific American* em português sobre o que a Genética está produzindo em tecnologia e, de repente, no meio dessa discussão, aparecer esse termo. É muito diferente tu fazeres uma leitura desse tipo, que é uma leitura sobre a vida e sobre como a Genética está afetando a vida humana, e para tanto ser necessário entender aquele termo. Aí se cria, neste caso, na aula de Biologia, o contexto para que todos se voltem para essa imanência de entender como a Genética entende o DNA. Pois bem, se nós não pusermos na roda os textos sobre língua, nunca os termos da gramática vão estar num contexto que faça sentido. Nunca o cara vai ler uma coisa sobre a vida e imediatamente perceber que, para entender a vida, ele precisa entender uma palavra como “adjetivo”. Esta vai estar sempre descolada de qualquer contexto que faça sentido para jovens como os que estão na escola.

Acho que ensinar gramática é apenas uma etapa para atingir algo muito mais prioritário, mas imaginemos que ela seja A prioridade para

algum de vocês. Gostaria de pensar que, mesmo neste caso, posso dizer algo útil. Enfim, as minhas indicações aqui – depois eu vou arrolar autores – são bem ecumênicas. A ideia não é nem fazer um recorte de quais textos concordam comigo, o que eu diria, não é nada disso. Quanto mais questões estiverem circulando pelas turmas das escolas, mais essa capacidade do aluno para refletir vai se alargando e aprofundando. Então, postulado: aula de Português é um lugar legal para ler, talvez o lugar mais qualificado da escola para se ler diversos tipos de textos, sobre muitos temas, em especial ler textos literários. Mas se ainda existe ensino disciplinar, então a aula de Português é o lugar para se ler sobre língua, para se aprender, a partir de um texto, sobre este fenômeno: *língua e línguas*, além de *português*.

Para hoje, tendo essas indagações, consternações e pressupostos em mente, então, eu fiquei pensando em que exemplos de livros e textos, tão somente exemplos, eu poderia sugerir. Além disso, tentei conceber maneiras didáticas de trazer textos sobre língua e língua portuguesa para a aula de Português, e, ainda, de que modos eles se agrupam didaticamente.

Primeiro, pensando que os saberes gramaticais e linguísticos – eu não os diferencio – são produzidos por pessoas, eu recomendo sempre reservar um tempo do projeto didático de ensino de gramática para fazer referência a quem formulou aquele jeito de pensar. Não é bom que eu fale de gramática como se ela tivesse sido inventada por mim ou fosse um ente metafísico, ou ainda como se fosse uma coisa em si, como se, por exemplo, o conceito de “verbo” estivesse voando no mundo e a escola o tivesse colhido, como se colhe uma maçã, e levado para a sala de aula. O conceito de “verbo” não é uma coisa em si, é uma invenção humana (vejam bem: não estou falando dos verbos que as pessoas usam, mas de como os entendemos). Se é uma invenção humana, alguém inventou, e alguém defende essa ideia no nosso meio intelectual. Evidentemente tu não vais buscar o “inventor” da gramática, tu vais mencionar as origens grega e latina, o curso histórico dos estudos gramaticais etc., e nesse caso há uma série de dosagens a serem feitas.

Mas, em primeiríssimo lugar, mesmo que o projeto seja ensinar gramática, é preciso deixar claro que *gramáticas têm autores* e que esses autores se distinguem entre si. Os estudantes saem do colégio cheios de

fragmentos de memória sobre gramática, mas poucos jovens saem do colégio sabendo citar o nome de um gramático sequer. Esta, então, é a primeira categoria das minhas sugestões – se estou trabalhando com descrição gramatical, haverá leituras, e os textos têm autores. A segunda maneira de organizar as leituras eu chamei de *Trabalho com (grupos de) gêneros*, que eu vou explicar a seguir. Depois, o terceiro jeito, eu estou chamando de *Leituras fortuitas*, para as seguintes três funções: ancorar a matéria, se divertir pensando e se responsabilizar por saber e pensar, que vou explicar mais à frente. Por último, *Projetos*, que é o mais importante, embora eu vá explorar menos, pois já escrevi extensivamente sobre isso.³

Começamos, então, falando um pouco de gramática geral e normativa. Um exemplo de tópico gramatical que ensinamos são os padrões frasais; aquilo que se chama, na tradição, estudo da oração e seus termos, certo? Nesse contexto são importantes os tipos de predicado. Antes de seguir, eu quero advertir: essa não é uma seleção infundada de conhecimentos gramaticais a serem estudados. Em primeiro lugar, é um tópico importante para se entender o funcionamento estrutural da língua, seja a partir de que teoria. Além disso, se tem algo funcional, útil de se aprender na escola que se pauta na prioridade da escrita, é isso. Por quê? Porque se eu aprendo a reconhecer esses padrões, eu aprendo todas as formas possíveis da relação de complementação. Isso é importante porque a relação de complementação é sintaticamente relevante para convenções de escrita que se desenvolveram historicamente. Eu não posso separar por vírgula verbo e complementos, ou mesmo por ponto (em alguns gêneros mais normatizados); enfim, separar aqueles pedaços. Portanto, é um dos itens que têm fortes consequências para eu aprender convenções da escrita. Quem conhece texto de gente aprendendo sabe que uma das questões problemáticas de organização textual é a segmentação, ou seja, “cortar os pedaços”, em todos os níveis, de um jeito que é o convencional. E, se eu sei as formas como os padrões frasais se apresentam, eu consigo revisar, no meu texto, a segmentação que se dá neste nível. Eu consigo perguntar para o meu texto: separei coisas inseparáveis? Acho que é uma coisa útil de ser aprendida.

³ Ver nas referências o livro de Simões et al. (2012).

Bom, eu vou ensinar padrões frasais: por exemplo, no âmbito do predicado verbal, as consequências de o verbo ser intransitivo, transitivo direto ou indireto, bitransitivo, de admitir ou não um complemento sentencial etc. O fato é que, como em qualquer tema de análise, os analistas analisam diferentemente. Por exemplo, nem todos respondem do mesmo modo à seguinte pergunta: este verbo é intransitivo? Vou sugerir que se ensine esse tópico e se reconheça que ele é motivo de análises divergentes. Minha grande amiga e grande professora de Português, Joice Welter Ramos, me confirma que fazer assim pode funcionar na escola. Ela fazia isso quando era professora no Ensino Fundamental, e dava certo. Vocês sabem que muitos verbos, como os verbos de movimento (por exemplo, *ir, sair, vir*), que têm uma relação diferente com aparentes adjuntos adverbiais, são meio limítrofes, são uma espécie de ornitorrinco. Esses casos vão provocar uma série de tratamentos relacionados à questão da transitividade e, conseqüentemente, das construções. Enfim, os estudos gramaticais vão avançando e mudando à medida que enfrentam problemas de análise.

Cunha e Cintra (2001), o Luft (1983), o Perini (1995), a Moura Neves (2011) e o manual do Moreno e Guedes (1994) falam sobre padrões frasais, e nós os retomamos na escola porque padrões frasais/transitividade verbal são algo importante para a vida. Mas de que modo? Eu trago um bom *corpus* para a aula, eu ajudo meus alunos a induzirem as regularidades e digo para eles: “O nome disso é *padrões frasais*, são diferentes predicados, tem esse, tem esse, tem aquele. O Celso Cunha diz isso, vamos ler o Celso Cunha”. Ou “O grupo 1 vai dizer o que o Celso Cunha diz; o grupo 2 vai dizer o que o Luft diz; o grupo 3 vai dizer...”. Assim, os estudantes vão perceber sozinhos, contrastando, que os autores dizem coisas diferentes. Ou então eu refino mais, coloco no quadro o que é dito de igual, falo, reviso, consolido, e então mostro as análises divergentes: “Fulano diz isso, beltrano diz aquilo, sicraninho diz aquele outro”. E, no final, vamos folhear as gramáticas correspondentes. Se não for assim, o aluno nunca vai notar que os padrões frasais não são entidades. Ninguém vai dobrar uma esquina e encontrar um padrão frasal, eu juro! Isso é uma ideia, é o nome de uma ideia; portanto, veio da cabeça de gente que escreveu sobre isso. E isso foi sendo legado pelas gerações e chegou a nós. E, como acontece com todo legado, nós o transformamos. Ganhamos o imóvel de herança e fazemos o que quisermos com ele: derrubamos umas paredes, levantamos outras,

vendemos, torramos, modificamos. Se trata de um legado, um saber, um conhecimento sob intenso debate.

Então, primeira dinâmica de sala de aula, livros que seu aluno pode ler: gramáticas e outros manuais afins, com destaque para os diferentes tratamentos dados a um mesmo problema. Mas o que nós vemos por aí é as pessoas estudarem muita gramática sem jamais abrir esse livro ilegível, que ninguém põe na cabeceira e lê antes de dormir ou lê do início ao fim. Como nós, professores, aprendemos a manusear uma gramática? Pescando, usando o índice remissivo para ir direto à seção esclarecedora, mediante uma pergunta específica. Mas só faz isso quem entende de língua e do livro de gramática. A ideia é trazer esse livro para dentro da aula, com a finalidade de justamente ensinar os alunos a manuseá-lo, a achar o capítulo e a seção onde está o item gramatical que eles têm de comparar. Daqui a pouco eles vão entender que as gramáticas são complexas, talvez birutas, e que um conceito em seu todo só vai ser bem-entendido na leitura de seções de mais de um capítulo, porque a morfologia está num lugar, e a sintaxe, em outro. Ele vai aprendendo os caprichos daquele livro na convivência. Além disso, essa é uma estratégia bem simples para trazer autores para dentro da sala de aula, de modo que os estudantes possam lembrar seus nomes com a finalidade de contrastar as análises desses autores. Poderão entender, então, que a gramática é um estudo da língua, e não a língua; e que estudos são feitos por autores.

Agora eu vou tratar de dois exemplos do que eu anunciei como *Trabalho com (grupos de) gêneros*. Os marcos de recomendação do que é estudar língua portuguesa no Brasil insistem muito na noção de gênero, em que organizemos o ensino de Português pelo eixo de gênero do discurso. Mas por que trabalhar com os gêneros sobre qualquer temática, menos línguas, quando muitos gêneros circulantes estão aí falando de língua? Então eu quero dar alguns exemplos disso.

O primeiro: crônicas ou colunas assinadas. Os grandes cronistas brasileiros têm falado sobre língua, e também os menores, até mesmo o David Coimbra. Acaba de sair a coletânea *O leitor apaixonado*, do Ruy Castro (2009), que tem uma seção inteira sobre língua. Apesar de ter uns textos de chorar num cantinho, como *Perigo – palavras enlouquecendo*, que se ocupa de fazer um patrulhamento total dos usos da linguagem,

se não trouxermos essas discussões para a sala de aula, elas nunca vão ser desconstruídas. Os grandes cronistas – e, sem dúvida, o Antônio Sanseverino é a melhor pessoa para fazer a lista – têm falado sobre língua. Leiamos os grandes. Mas é bom também trazer esses textos que estão circulando hoje por suportes mais efêmeros, porque, em geral, por mais efêmeros que sejam – ou escritos de uma maneira trivial ou com argumentos bobos –, eles vão discutir temáticas sobre línguas que são muito frescas e, portanto, reconhecíveis pela gurizada. Então, além dos grandes, os pequenos cronistas, os médios cronistas. Em resumo, um gênero que pode ser trabalhado e que pode ter como temática a língua portuguesa, sem dúvida, é a crônica.

Dentro desta conversa, menciono um linguista-cronista, mas há outros. Linguistas têm mantido escritas de crônicas na esfera jornalística, que passam ao livro: este livrinho muito divertido é de Sírio Possenti (2001) e se chama *A cor da língua e outras croniquinhas de linguística*.⁴ Sírio Possenti escreve, por exemplo, para a *Revista Língua Portuguesa* e é um dos grandes analistas do discurso do mundo. Sem sombra de dúvida, é um cara maravilhoso, e ele tem textos superlegais, que tornam a reflexão sobre a língua e a linguagem algo leve. Então, livros que seu aluno pode ler: crônicas, em seus diversos suportes.

Além disso, há o fenômeno da coluna assinada, que eu acho que tem de vir para dentro da sala de aula. Nós temos professores (por exemplo, aqui na Zero Hora, o Cláudio Moreno; na Folha de S. Paulo, o Pasquale) que têm ali um espaço no qual eles falam sobre língua. Eu, em geral, no caso do Pasquale, acho horrível a esmagadora maioria das coisas que ele escreve, enquanto o Moreno tem variações, pega uns dias bons, outros dias ele está meio azedo, mas são textos, de novo, em cima de temáticas às vezes legais e que devem ser trazidas. Essas leituras serão oportunidades para problematizar as prescrições, para descobrir curiosidades; enfim, o professor vai dizer o que acha daquilo ali, vai mostrar que existe e tal. Ou seja, não precisa trazer texto de opinião só sobre a última eleição,

⁴ Neste momento da palestra, eu estava com os dois livros citados na mão, como acontecerá em outras menções subsequentes. Optei por manter, na medida do possível, os usos verbais que referiam o objeto livro, presente no encontro social, como mais uma das formas de preservar o tom de conversa que teve a mesa-redonda.

entende? É possível trazer texto de opinião sobre língua na aula de Língua Portuguesa.

Outro grupo de gêneros, dizendo de uma maneira bem frouxa, é o texto de divulgação. Pode especificamente se constituir de muitas maneiras. Eu estou inventando o nome “ensaio para grande público”, que pode ser mais longo ou mais curto. O Perini (2000) tem escrito ensaios assim; por exemplo, em *Sofrendo a gramática*. Nessa questão de ensaio para grande público, eu coloquei aqui temas que são de interesse muito forte para a construção de cidadania, para a construção do que eu estou chamando de uma cultura reflexiva sobre língua. Que temas? Diversidade linguística, alfabetização, escrita e leitura, história da Língua Portuguesa, estrangeirismos, a própria noção de línguas, campos de aplicação do conhecimento sobre língua etc. Então, como é que a criança de escola não sabe que quem estuda língua é importante para a área da saúde, por exemplo? Que é um conhecimento que tem aplicações para pediatras, para fonoaudiólogos, para psicólogos, para psiquiatras? As pessoas não sabem essas coisas. Por quê? Porque quem estuda língua não conta para ninguém, entende? Tem uma série de tópicos de interesse geral e que podem ser trazidos neste tipo de texto de ensaio.

Nessa direção, eu tenho três indicações, além do Perini. Eu trouxe aqui esta pérola; é um livro antigo já, do João Ribeiro (1979). Talvez alguns nem conheçam o nome! Ele morreu nos anos 1930. Ele tem uns textos aqui divertidíssimos, coisa de folclorista. Por exemplo, o que é *maragato*, algumas coisas de léxico, que são bem divertidas. Mas aqui neste livro, em *Língua Nacional* ou *Gramatiquice*, temos também textos precursores da discussão sobre preconceito linguístico. Não seria bom ler sobre isso, e mais, ler de tal forma a saber que esta não é uma questão nova?

Este livro aqui, *A língua portuguesa* (PESSOA, 1999), acho muito legal. Não sei se vocês conhecem, saiu pela Companhia das Letras, e é uma compilação de textos do Fernando Pessoa sobre a Língua Portuguesa, e, especificamente, há muita discussão sobre ortografia que acaba sendo também uma discussão sobre a noção de norma. Que teorias linguísticas abraça o Fernando Pessoa? Isso está neste livro. Então, nesse assunto das grafias, ele basicamente fala que escritor tem que grafar do jeito que quiser, que ortografia normatizada não é para autor, não é para escritor, é uma

coisa para o Estado. O Estado e, portanto, a escola, tem que ter a ortografia oficial. Porque a escola pertence ao Estado, assim como os outros órgãos do Estado, e então ele diz o porquê, e também os motivos pelos quais ele, poeta, pode escrever como quiser. Não tem essa de ortografia oficial para escritor! É muito legal o debate dele.

Há também este livrinho aqui que circula entre todo mundo que faz Letras (ainda circula?). É do Steven Pinker (2002), *O instinto da linguagem*. Nós lemos isso aqui na Letras como se fosse um livro acadêmico, mas isso aqui foi um *best-seller* nos Estados Unidos. É um livro que foi escrito para divulgação do conhecimento linguístico e vendido em banca. Vendeu milhares de cópias, até porque a prosa em inglês deste livro, a tradução está meio pontuda, mas a prosa em inglês é saborosíssima. É um livro gozado, bem-humorado, irônico... Tem alguns capítulos pedreira, em que ele tenta moer pedra, mas fica pedra igual. Mas não é preciso ler tudo. Ao mesmo tempo, contém um grande número de anedotas ligadas à linguagem, localizadas em discurso crítico, que são maravilhosas. Por exemplo, primeiros encontros entre aborígenes e antropólogos em comunidades isoladas, e como é que foi isso, como é que eram as interpretações mútuas entre eles e o que isso nos diz sobre a linguagem. Coisas deste tipo escritas de um jeito que é uma tentativa de falar com todo mundo, pois é um livro de divulgação. Isto aqui, perfeitamente, eu não vejo por que não possa circular entre pessoas de dezesseis anos de idade, quinze anos de idade, nenhuma razão para não circular. Isso sobre gêneros a serem conhecidos; no caso, os de divulgação.

Depois, eu tinha outra categoria, *Leituras fortuitas*. Lembram? Nós não controlamos direito os tempos da aula, então pode ter umas coisinhas que nós vamos fazendo, e vai virando uma rotina, é isso que eu chamo de leitura fortuita. Então, primeiro, o “sôr” ou a “sora” tem que ter um acervo de textos sobre língua. O cara é professor de Português, não guarda texto sobre língua? Não dá, certo? Eu até importei uma língua dos Rolling Stones e coloquei no *PowerPoint* para ser populista com a juventude. Pegue uma caixinha, forre, coloque a língua dos Stones na tampa e vá colocando ali dentro tudo que é sobre língua, e ande com aquilo. Aí tu planejaste uma tarefa, e aqueles dois alunos que já terminaram sua atividade começam a andar pela sala e atrapalhar. Ofereça um texto sobre língua(s) para os caras! “Ei, vamos sentar aqui e vamos ler este texto; é lindo!” Uma coletânea de tiras que são sobre

língua, uma crônica engraçada sobre língua, uma reportagem sobre algo instigante etc. Sempre pensando que, na medida do possível, o texto estará em seu suporte: a revista inteira; o jornal inteiro etc. Ou, melhor, indique um *site* onde esses alunos poderão ler sobre língua.

Olha, quero dizer uma coisa para vocês: aluno se aquieta com coisas. O texto em seu suporte é um objeto, e pode se tornar um objeto de interesse. Se estiver em livro, e mais, se estiver em suporte digital então... Coisas materiais, objetos, hipnotizam. Às vezes, é claro, a gente se sente hipnotizado por alguém falando de algo que nos interessa ou que, por razões muito situadas, se torna interessante ali, na hora. Como eu espero que esteja acontecendo agora – poderíamos estar tomando uma cerveja aqui do lado, mas cá estamos: e vocês aí, só ouvindo! Na sala de aula, contudo, por vezes a gente se vê fazendo uma enorme ginástica para obter atenção, para fazer essa alteração da interação humana, que torna possível muitos estarem juntos e com um foco conjunto de atenção. Aí entra o que estou chamando de “coisa”; algo material, para além da voz e do corpo da professora ou do professor, que capture a atenção do sujeito. Então, ter um pequeno acervo para isso, colocar o texto sobre língua a circular como universo de interesse, sem a necessidade da voz e do corpo da gente dar conta de toda a responsabilidade pela esperada e silenciosa organização da sala de aula. Em alguns casos, é só para alguns lerem, enquanto outros fazem outra atividade; mas também, e por que não, para todos lerem, simplesmente porque querem, ou porque sobrou tempo.

Outra possibilidade, que eu acho muito legal e trouxe para ler para vocês, são pequenos textos para ancorar a matéria. Eu vou ler dois pequenos textos e depois comentar. Isto aqui é o manual de redação da *Folha de S. Paulo* (1987), em uma edição “velhusca”, que é a que eu uso até hoje. Devem ter alguma mais recente, não sei. Olha só o que a *Folha* diz para os seus jornalistas, seus redatores, sobre adjetivos:

O jornalismo, em especial o informativo, deve usar os adjetivos com moderação e cautela. O adjetivo (ou qualquer expressão adjetiva) deve ser usado para tornar os substantivos mais precisos, não para lhes conferir juízos de valor. Assim, os adjetivos que a notícia deve utilizar são os deste tipo: amarelo/vermelho, redondo/quadrado, barroco/clássico [...] (FOLHA DE S. PAULO, 1987, p. 67).

(Dizer que algo é barroco não é valorativo? Duvido. Imagem: *Barroco/clássico* é a mesma coisa que dizer, sabe-se lá o quê, “aquele poste” e apontar, ou algo assim! Bem, mas se nem a referência ostensiva é não valorativa, que dizer de qualquer conjunto de signos em um enunciado? Mas vamos adiante.)

Os adjetivos do tipo bonito/feio, verdadeiro/falso, certo/errado devem ser usados na menor quantidade possível. Nos textos opinativos, há maior liberdade para os adjetivos. Ainda assim a recomendação é evitá-los. A opinião sustentada em fatos é muito mais forte do que a adjetivada. Ver verbete *Notícia* [...] (FOLHA DE S. PAULO, 1987, p. 67).

Em seguida, ainda na página 67, vem algo sobre advérbio, e há maravilhas aqui. Isto aqui é um minitexto e ele cumpre essa função de que eu estava falando antes, de que a palavra “*adjetivo*” está sendo usada em um texto circulante, texto no qual “o chefe está dizendo como é para escrever”. E não seria rico discutir com alunos o que o jornal *Folha de São Paulo* quer dizer com isso? A partir disso, dá para fazer milhões de propostas de interpretação. É possível, por exemplo, selecionar textos da *Folha*, para os estudantes descobrirem se os redatores obedeceram. Há adjetivos valorativos? Onde? Nas notícias ou apenas nos textos de opinião? Quero dizer, se nós fazemos isso num trabalho de colaboração e descoberta com o aluno, não estamos atrás de adjetivos no texto porque sim; ou seja, usando “texto como pretexto”. Entende? Ele está examinando o emprego de uma classe gramatical em textos para conhecer o universo de um jornal, para conhecer a produção de um jornal. E do jornal mais poderoso possível. É totalmente diferente. Então, pequenos textos fortuitos para ancorar a matéria e até mesmo ancorar os modos de propor tarefas para aprendizagem, por exemplo, da nomenclatura gramatical e da própria gramática.

E a terceira coisa que eu penso que é legal fazer, ainda falando em leituras fortuitas, é manter alguns portadores de texto de boa qualidade em circulação. Um exemplo é esta revista, *Língua Portuguesa*. Esta é uma revista sobre língua, e tem um editor muito esperto (nem todas têm qualidade, o olhar crítico do professor tem de ser acionado para a seleção).

E os grandes linguistas do Brasil têm colaborado para essa revista. Os grandes críticos literários têm colaborado com essa revista. Ela sempre tem matérias bem interessantes. Claro, nós estamos sempre com pouco dinheiro, mas professor de Português deveria assinar isso, ter em casa.

E uma rotina legal, não precisa ser sempre, é que os alunos façam a taxaço da revista do mês, ou seja, a turma tem que prestar contas de tal coisa no dia tal, resumir o que saiu na revista este mês. Tu reservas ali meia aula por mês para eles darem o resumo do que saiu na revista *Língua Portuguesa* e, ao longo do mês, eles têm que ir à biblioteca, fazer a tarefa de achar o que saiu, dividindo o trabalho entre os estudantes. Algo bem simples. Mas só para ter o vaivém, para eles saberem que a revista existe, que fala em língua etc. Da minha memória, a revista deste mês fala sobre intérpretes de Libras, papel de leitura e escrita na educação. A mandachuva do MEC concede uma entrevista sobre isso. Também uma matéria sobre a iniciativa do Jorge Furtado em torno da tradução do Shakespeare; na matéria, chamam algumas pessoas, como a Fernanda Torres, para fazerem traduções de um soneto do Shakespeare, e então há um espaço comentando as diferenças entre as traduções. Há gente do ramo e de fora dele. É muito legal essa revista. É raríssimo ela veicular equívocos crassos sobre língua. E, muito frequentemente, traz coisas que acrescentam.

E agora meu último tópico, que é a questão de trazer leitura sobre língua em projetos mais consistentes: *Projetos de trabalho*. Eu vou falar bem rapidamente dos dois que eu resolvi trazer de exemplo, e um deles aprofundar um pouquinho mais. Eu tenho defendido a ideia de nós organizarmos o plano de estudos, ou seja, o ano escolar, na forma de vários projetos didáticos que tenham como finalidade o aluno produzir certo tipo de texto no final, mas ele vai fazer muitas coisas antes para chegar nesse ponto. Ou seja, o projeto deve ter uma pergunta geradora, e essa pergunta geradora vai ser respondida pelo aluno por certo gênero do discurso, com publicação da produção dos alunos como meta final.

Os dois projetos, dos quais eu vou fazer propaganda aqui, estão sugeridos nos Referenciais Curriculares do Estado do RS, na parte de Português e Língua Estrangeira. Fui eu que escrevi, com quatro colegas de Literatura e de línguas adicionais. Um destes projetos parte de uma reportagem da *Revista Língua Portuguesa* (LAUND, 2006), já sugerida. É

uma reportagem sobre diferentes traduções do Tio Patinhas. Então, qual é o barato da reportagem? Você vai lá num acervo de gibis do Tio Patinhas em português, desde a década de 1950, e as mesmas histórias aparecem em vários gibis, traduzidas de novo e de novo. Ou melhor, a terceira deve ter sido em cima da segunda, que foi em cima da primeira. A primeira pessoa pegou o gibi em inglês, fez os balões em português, e, depois, nas reedições, os redatores foram reescrevendo os balões. O que é legal nessa reportagem? As reedições exibem a história da língua, ou pelo menos da liberdade de se retratar a fala nos balões de histórias em quadrinhos.

Eu vou dar alguns exemplos, para vocês verem que bacana. Olha só, 1958: “Vou cobrar-lhes aluguel”. 1982: “Vou cobrar aluguel deles”. 2004: “Vou cobrar aluguel”. Depois, “Diga-lhes”, 1958. “Diga para eles”, 1982. “Diga a eles”, 2004. Ou ainda: “Segure-o, tio Donald!”, depois, “Segure, tio Donald!”, depois, “Segura ele, tio Donald!”. Então, qual é a ideia do projeto? Que os alunos façam o mesmo percurso de pesquisa revelado nessa reportagem. Primeiro, montar um acervo de tiras. É muito mais factível do que de gibi. Por exemplo, tu vais ao acervo da Zero Hora e pega a página de tiras desde as edições mais antigas. Torna esse acervo um *corpus* de pesquisa e coloca os alunos a pesquisar algo. Por exemplo, pronomes. Como eram, como ficaram, como estão os pronomes nas tirinhas? E então, no meio disso, vai propondo que leiam textos. Por exemplo, a reportagem de revista que recém resumi e outras reportagens, porque a ideia é a de que o produto final seja uma reportagem semelhante. Também, algum texto de divulgação escrito por especialistas. Por exemplo, este livrinho aqui, que é legibilíssimo, *Como falam os brasileiros* (LEITE; CALLOU, 2002). É um livro da Yonne Leite e da Dinah Callou, duas pesquisadoras de variação linguística no Brasil.

Então o aluno lê isso. Aí o professor pega isso aqui, este livro, que se chama *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa* (BAGNO, 2001), ele traz uma coleção de sugestões de pesquisa linguística que alunos de Escola Básica podem fazer. E um capítulo, que é o capítulo cinco, sobre pronomes, e ali diz direitinho: leia sobre pronomes na gramática tal, na gramática tal. Primeiro passo. Depois, é preciso entender o que é aquilo ali. Então vá ao *corpus*, compare; agora, leia o texto tal. Bagno vai guiando

o professor passo por passo, para o desenvolvimento de pesquisa sobre a língua no contexto escolar.

Outra coisa legal que se pode colocar neste projeto: o atlas, nosso atlas, o atlas linguístico da Região Sul, fruto de longos anos de trabalho por colegas nossos. Quem acha que isso aqui tem que fazer qualquer coisa além de pegar pó na biblioteca da Letras? Eu! Por quê? Todo mundo sabe ler um mapa, ou não sabe? Se não sabe, o lugar para aprender é a escola: que tal aliar-se ao professor de Geografia? São mapas, entende? Do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. E aqui, nas bolinhas, nós vemos onde é que se diz *tu*, onde é que se diz *você*. Está cheio de regiões no Rio Grande do Sul onde se diz *você*: isso é certamente novidade para quem está nas outras regiões, tão orgulhosas do uso de *tu*. É só interpretar a bolinha. Por que o nosso aluno não pode ler isso aqui? Por nenhuma razão; está guardado na prateleira. Então, *Projetos*, que podem dar contexto a estudos da língua.

Eu teria mais um para sugerir em torno deste livro: *Uma história da leitura* (MANGUEL, 1997). Em cima deste capítulo aqui, que se chama *O leitor simbólico*. É uma discussão dos significados que nós damos para diferentes pessoas com um livro na mão, e a discussão é feita em torno de uma fotografia de uma velha, lendo na cama. O que passa a simbolizar a pessoa que tem um livro na mão? O que a gente pode imaginar que é aquela pessoa com um livro na mão? A ideia deste projeto seria convidar os alunos a criarem uma reportagem fotográfica de pessoas lendo, e então fazer uma exposição, na escola, dessas fotos; paralelamente, fazer com os estudantes um exercício para interpretar as imagens e escrever um ensaio, como o do capítulo de Manguel mencionado. O que significam essas pessoas lendo nestes lugares, destes jeitos? Tudo para discutir leitura, distribuição da leitura, democratização da leitura etc., enquanto se aprende a ler e a escrever (e escrever sobre leitura e leitores!).

Era isso o que eu tinha para dizer. Penso que é possível e relevante ler sobre língua e linguagem na escola e, quando vocês forem professores, ou se já são, mãos à obra, porque eu acredito que pode ser bem instrutivo para todos.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.
- CASTRO, Ruy. *O leitor apaixonado: prazeres à luz do abajur*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual geral da redação*. 2. ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.
- LAUND, Jean. O laboratório de Tio Patinhas: as mudanças da linguagem em cada geração. *Revista Língua Portuguesa*, n. 9, p. 18-23, jul. 2006.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LUFT, Celso P. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1983.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MORENO, Cláudio; GUEDES, Paulo Coimbra. *Curso básico de redação*. São Paulo: Ática, 1994.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- PESSOA, Fernando. *A língua portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- POSSENTI, Sírio. *A cor da língua e outras crônicas de lingüística*. Campinas: ALB, 2001.
- RIBEIRO, João. *A língua nacional e outros estudos lingüísticos*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SIMÕES, Luciene Juliano; RAMOS, Joice Welter; MARCHI, Diana Maria et al. *Leitura e autoria: planejamento em língua portuguesa e literatura*. Erechim: Edelbra, 2012.

Leituras Sugeridas

- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mario Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *ALERS: atlas lingüístico-etnográfico da região sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. v. 2.
- PERINI, Mário. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Referenciais curriculares do estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SE/RS, 2009.